

Berna, 11 de agosto de 2002

O espelho, os espelhos

Caríssimos,

hoje é a Festa de Santa Clara de Assis 2002 que, na tradição do nosso Movimento, sempre comemoramos, desde o início, não só no Centro do Movimento, mas em todas as partes do mundo, onde ele está presente.

Este ano, pela primeira vez e graças aos modernos meios de comunicação, as pequenas festas em todos os continentes se tornaram uma só, e essa notícia – pelo que sei – já deixou todos muito contentes.

Então, uma saudação calorosa aos 1.400 presentes aqui em Berna, capital da Suíça, e a todos que estão em conexão conosco. Um abraço realmente planetário, sem esquecer de felicitar todos aqueles que de alguma forma se chamam Clara.

Na festa de hoje, como fazemos todos os anos, vamos recordar Santa Clara e confrontar alguns aspectos particulares do seu caminho em direção a Deus com o nosso caminho.

Existe um conceito de Santa Clara que ainda não evidenciamos e que poderíamos exprimir assim: «O espelho, os espelhos».

É a imagem do espelho que se refere exatamente ao que São Paulo diz na sua carta aos Coríntios: «Mas todos nós, com rosto descoberto, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor» (2Cor 3,18).

Nas cartas para Inês de Praga, que fazem parte de vários escritos nos quais ela exprime a sua exigência de ser radicalmente fiel ao Evangelho, Santa Clara convida as irmãs do convento a olhar para Jesus como para um espelho: um espelho que, na sua humanidade, reflete a divindade.

«Pousa os teus olhos – ela escreve – diante do espelho da eternidade (Jesus) (...); coloca o teu coração naquele que é a imagem da divina substância, e transforma-te inteiramente (...) na imagem da Sua divindade» (FF 2888).

«Uma vez que esta visão dele é (...) espelho sem mancha, todos os dias conduz a tua alma (...) diante desse espelho e procura nele, continuamente, o teu semblante, para que possas assim adornar-te (...) com todas as virtudes, como convém a ti, filha e esposa caríssima do sumo Rei» (FF 2902).

1.

Santa Clara convida, portanto, Inês a olhar para o Esposo, mas também a imitá-lo, fazendo as mesmas escolhas dele, os mesmos atos, os mesmos gestos.

«Se com Ele sofres, com Ele reinarás; se com Ele choras, com Ele exultarás; se na Sua companhia morres na cruz da tribulação, possuirás com Ele as moradas



celestes no esplendor dos santos, e o teu nome será inscrito no livro da vida e se tornará famoso entre os homens. Logo, possuirás para toda a eternidade e para todos os séculos, a glória do reino celeste (...); participarás dos bens eternos, (...) e viverás para todos os séculos (FF2880).

Imitando-o, Inês se transforma no Jesus do espelho. Portanto, sendo Jesus, ela, por sua vez, pode ser espelho para as irmãs.

Cria-se assim – como afirma Santa Clara – uma cadeia ininterrupta de espelhos, a partir de Jesus até o mundo.

Jesus é o espelho de Francisco.

Jesus e Francisco são o espelho em que Clara se reflete.

Jesus, Francisco e Clara são o espelho de Inês.

Jesus, Francisco, Clara e Inês são o espelho para as primeiras religiosas que, por sua vez, se tornam espelho para as futuras irmãs.

As irmãs futuras, olhando para aquelas que iniciaram, se convertem em espelho para aqueles que vivem em meio ao mundo.

Aqueles que vivem em meio ao mundo tornam-se espelho de Jesus para todos.

E assim, refletindo perfeitamente Cristo, Francisco e Clara, os primeiros frades e as primeiras irmãs, deram origem ao Movimento Franciscano: uma das realidades eclesiais que, de tempos em tempos, rerepresentam o Evangelho à Igreja no seu radicalismo para fazê-la renascer, para renová-la e reformá-la.

Caríssimos,

também nós, embora pequenos e indignos, recebemos uma tarefa semelhante: suscitar, desenvolver, difundir no mundo uma realidade carismática, e também a nós coube e cabe a obrigação de viver e fazer com que o Evangelho seja vivido integral e radicalmente, olhando para Jesus como se fosse um espelho.

Nos primeiros escritos, que conservamos, relativos ao nosso Ideal, sugeridos pelo carisma assim que despontou, encontramos esta afirmação: «Nós devemos ser outros Jesus». Pedem, portanto, que nos espelhemos nele.

Com esse objetivo, assim como a São Francisco e a Santa Clara o Espírito Santo concedeu o carisma da pobreza, a nós Ele concedeu o carisma da Unidade.

E é justamente por meio da unidade que podemos ser Jesus. Vocês se lembram desta definição da unidade contida numa carta do longínquo ano de 1947? «Oh, a unidade, a unidade! Que divina beleza! Não temos palavras para descrevê-la: é Jesus!».

Sim, é Jesus. E começávamos a compreender que, amando-nos reciprocamente, realizaremos a unidade e Jesus estaria no nosso meio... e em cada um de nós.

Viver a unidade, portanto, é sinônimo de viver Jesus e de tal forma todo o Evangelho.

Um dia uma pequena, mas significativa, luz no nosso caminho nos esclareceu esta novidade.

As Palavras do Evangelho nos pareceram pequenas plantinhas recém-nascidas, espalhadas em um vasto terreno. Compreendemos que a raiz de cada uma se aprofundava no Testamento de Jesus, na unidade, que era a base de tudo, e por ela era vivificada.

Foi uma visão plástica de como deve ser considerado o Testamento de Jesus e a sua relação com as outras frases do Evangelho; e de como viver a unidade e as outras palavras.

Compreendemos melhor que a unidade não é uma virtude específica (de fato, não vem enumerada entre as virtudes); não é apenas a palavra mais excelsa de Jesus; nem mesmo é o tema fundamental do seu Testamento.

A unidade é a alma de todo o Evangelho, de toda a Escritura. E é a meta para a qual todo o Evangelho tende. Uma vez que é efeito da caridade, podemos dizer também que é o resumo, o concentrado do Evangelho.

Compreendemos é necessário viver as Palavras do Evangelho em função da unidade.

Sim, porque não é evangelicamente exato viver a pobreza pela pobreza, mas pela caridade que conduz à unidade, nem a obediência pela obediência, etc., tudo deve ser em função da unidade. O mesmo vale para as bemaventuranças, os 10 Mandamentos e tudo o que pede o Antigo Testamento, o qual Jesus veio completar e não destruir.

Compreendemos, então, por que o Espírito nos impeliu a colocar em prática, todos os meses, uma frase diferente, a fim de que, com o tempo, pudéssemos viver todas. Elas explicitam a unidade como um leque. Nelas podemos nos espelhar para ser Jesus, outros Jesus, e tornarmo-nos, assim, espelhos dele para os outros.

Mas hoje podemos nos perguntar: nós somos, de alguma forma, espelho de Jesus? Nós o somos para os outros?

A este propósito gostaria de recordar um nosso sonho dos primeiros tempos.

Dizíamos: «Se por uma hipótese absurda todos os Evangelhos da terra fossem destruídos, desejaríamos viver de tal maneira que os homens, observando a nossa conduta, vendo de certo modo em nós Jesus, pudessem reescrevê-lo: "Ama o teu próximo como a ti mesmo" (Mt 19,19), "dai e vos será dado" (Lc 6,38), "não julgueis..." (Mt 7,1), "amai os vossos inimigos" (Mt 5,44), "amai-vos reciprocamente" (cf Jo 15,12), "onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estarei eu no meio deles" (Mt 18,20)».

Pois bem, nesses últimos tempos vimos com alegria que, embora não tenhamos atingido essa meta, estamos a caminho.

Eu pude constatá-lo no final do mês maio, quando colaborei (como sabem pelo collegamento) na realização dos assim chamados "Fioretti" (as Florzinhas), o livro que nos foi encomendado pela Editora Paulus, com o qual apresentar as experiências e os episódios evangélicos da vida do Movimento. Eles revelam o nosso esforço para

estarmos em sintonia com o Evangelho (diríamos hoje, para nos espelhamos nele), com as consequentes intervenções de Deus, segundo as Suas promessas.

E foi uma alegria tão grande para mim e para nós em Rocca di Papa, ao recolhê-los das mais variadas áreas do mundo Ideal, constatar como o nosso Movimento pode começar a ser definido: uma encarnação do Evangelho, outro Jesus.

Por essa razão foi escrito no prefácio:

«Este livro reflete um aspecto importante e imprescindível da espiritualidade do Movimento dos Focolares, o qual, no recrudescer da Segunda Guerra Mundial, nasceu – podemos dizer – com o Evangelho nas mãos.

Desde o alvorecer da nossa história, de fato, vivíamos com intensidade a Palavra de Deus, aliás, era o nosso único guia, a nossa norma de vida, a ponto de não podermos pensar em outras nem sequer para o futuro.

Desse modo se reevangeliza o coração e a mente, e a vontade adquire uma força nova. (...)

(Estas) florzinhas, colhidas da vida cotidiana, são experiências vividas por Chiara e por membros do Movimento, presentes no mundo inteiro. Por vezes são episódios simples que, porém, são sempre extraordinários: (...) causam impacto por uma evidência de luz, por uma candura, quase infantil, que comove e faz exultar. (...)).

O prefácio continua:

«Sobretudo demonstram que Deus está presente, porque, quando doamos, como cristãos, depois recebemos dele. Ele atende ao que pedimos. Ele consola o pranto nosso e de outros. Ele nos veste como aos lírios do campo. Precisamos de tudo e Ele nos cumula de bens. Pedimos o impossível e recebemos. Lançamos nele as nossas preocupações e Ele as resolve uma por uma. Ele cuida de nós bem mais do que dos passarinhos. É invocado e eis que Ele se coloca ao nosso lado. Temos fé nele mais do que em qualquer outra coisa no mundo e Ele se faz presente em cada circunstância de nossa vida.

Ele está sempre presente, nunca falta. Intervém imediatamente ou depois de um certo tempo, mas o faz. [...]

Chiara Lubich